

OS EFEITOS DO DESLOCAMENTO EM PONCIÁ VICÊNCIO: UMA POSSÍVEL LEITURA

THE EFFECTS OF DISPLACEMENT ON PONCIÁ VICENCIA: A POSSIBLE READING

Julia da Silva DANTAS (UFMT)

RESUMO: O romance Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, se passa no final do século XIX e início do século XX e retrata a realidade vivida pelos descendentes de escravos no Brasil. Todo o enredo gira em torno do deslocamento da terra para a cidade, do campo para o espaço urbano, em um cenário de busca por oportunidades. A personagem protagonista, Ponciá, apresenta as histórias de vida dos habitantes da terra, marcadas por migrações e violências. O presente artigo investigará os efeitos desse deslocamento e das decorrentes consequências nas personagens, utilizando como aporte teórico os estudos pós-coloniais.

PALAVRAS-CHAVE: Ponciá Vicêncio. Pós-colonial. Literatura. Diáspora. Identidade.

Introdução

O pós-colonialismo surgiu como um conjunto de teorias e orientação epistemológica por volta dos anos 1970, tendo como obra fundadora *Orientalismo* de Edward Said, e se estende até os dias atuais com cada vez mais força e relevância na academia. A teoria pós-colonial, segundo Santos e Meneses, constitui

campo de teorias e formulações conceituais diversificadas que se aproximam pelos postulados intencionalmente contra-homogênicos, ou [...] formulações epistemológicas do sul, que têm em conta o contexto sociopolítico da produção e reprodução do conhecimento (2009, p. 11 apud MATA, 2016, p. 41),

ou seja, um campo de estudo que aproxima o diverso, levando em consideração suas semelhanças, todavia de forma cuidadosa, para intencionalmente contrapor o discurso homogeneizante já propagado na realidade sociopolítica (neo) colonialista.

De forma mais simplificada, apesar de não existir um consenso, o termo pós-colonial é usado para “descrever a cultura influenciada pelo processo imperial, desde os primórdios da colonização até os dias de hoje” (BONNICI, 1998, p. 09), referindo-se então a produção literária desenvolvida pelos povos colonizados durante e após a experiência colonial.

Tal conceito mescla o arquivo temporal e espacial, abrangendo um vasto leque de realidades, por exemplo, as experiências coloniais de países como Nigéria e Angola, que diferem muito das vividas pelos países latino-americanos. É na teoria pós-colonial que estas experiências aproximam-se, pelas semelhanças nas estratégias de dominação econômica e política empreendidas pela metrópole (e principalmente suas consequências). Contudo, chamam atenção para suas singularidades.

Nesse sentido, Thomas Bonnici aponta algumas ambiguidades e afirma que a aceitação pura e simplesmente da teoria pós-colonial fabricada na academia ocidental, principalmente por estudiosos europeus para aplicação aos textos não-europeus, constitui um dos maiores problemas; além disso, critica o hábito de dar voz apenas às literaturas em língua inglesa em detrimento de outras línguas, por

exemplo o português, trazendo então uma questão chave para a discussão: “Será que o subalterno não fala porque o pós-colonialismo fala e ouve somente a língua inglesa?” (BONNICI, 2005, p. 200).

De acordo com ele, a literatura brasileira colonial apresenta poucas tentativas de análise das estratégias coloniais, dos mecanismos de subversão e menos ainda sobre a questão idiomática da apropriação da língua portuguesa, assim, autores como Silviano Santiago, Lynn Mário T. Menezes de Souza e Flávio Kothe configurariam raras exceções, uma vez que “esta nova estética ainda não informou a literatura brasileira que [...] poderia ser considerada pós-colonial.” (BONNICI, 1998, p. 08).

Em um campo de estudo que propõe a intersecção das áreas do saber, que em consonância a Luckács critica a separação delas em unidades “na qual a literatura deve ficar separada da política” (BONNICI, 2006 p. 16), pois “a realidade entra na arte e é refletida por ela” (Said, 2003, p. 17 apud BONNICI, 2006, p. 16) cujos princípios são a subversão e a luta contra o apagamento dos indivíduos que passaram pela experiência colonial, a prática comum de ignorar as literaturas latino-americanas, para priorizar apenas as de língua inglesa e francesa, reproduz uma prática do próprio colonialismo que se critica e procura contrapor.

Objetiva-se então, neste trabalho, analisar a obra *Ponciá Vicêncio* (2005) de Conceição Evaristo à luz da teoria pós-colonial, buscando identificar os efeitos dos deslocamentos desenvolvidos pelas personagens e as consequências da experiência diaspórica. Também, em concordância a Bonnici, evidenciar os elementos e características dessa obra pós-modernista (que retrata o período após a independência do Brasil), que permitem caracterizá-la como uma produção pós-colonial.

Trazendo a América Latina, mais especificamente o Brasil, para o centro e tornando-os palco das discussões, opta-se por analisar uma obra de uma autora brasileira: Maria da Conceição Evaristo de Brito, que nasceu em Belo Horizonte-MG em 1946. Conceição graduou-se em Letras pela UFRJ, em seguida tornou-se mestre em literatura pela PUC/RJ e doutora em literatura comparada pela UFF. Professora doutora e escritora, Conceição se tornou um dos principais nomes da literatura afro-brasileira, ou literatura negra, no país; em suas obras, traz o negro como sujeito da literatura e escreve a partir das vivências, trazendo temáticas como a identidade e a experiência da diáspora, nitidamente visíveis na obra escolhida (*Ponciá Vicêncio*).

Ponciá Vicêncio como literatura pós-colonial diaspórica

Retomando a menção a Lukács, é importante ressaltar que ao criticar a separação da literatura e da política em unidades distintas, ele não se preocupa em discutir experiências individuais de um leitor ou de um autor acerca de um romance, mas considera um contexto/cenário abrangente e coletivo, trazendo então a concepção de cultura “como um locus de rupturas e dissonâncias arcabouço que ‘sistematiza os processos pelos quais a realidade entra na arte e é refletida por ela’” (Said, 2003, p. 17 apud BONNICI, 2006 p. 16).

Admitindo-se então a literatura e a arte como formas de expressão da realidade, fornecendo um é possível observar, como alega Inocência Mata, que as literaturas pós-coloniais refletem “a situação de luta da cultura e sociedade públicas do Terceiro Mundo” (2008, p. 31), por meio das histórias individuais do personagem. Segundo ela, tais literaturas “projetam uma dimensão política na forma de alegoria

nacional” (2008, p. 31), ao construir seus personagens como espelhos, através dos quais se observa a história coletiva.

Nesse sentido, Mata argumenta que o personagem das literaturas pós-coloniais desempenha o papel de falar “os anseios e demônios de sua época, dando voz àqueles que se colocam, ou são colocados, à margem da ‘voz oficial’” (2008, p. 21), sendo essa uma estratégia do autor, que possui plena consciência e responsabilidade pelo que diz ou faz seus personagens dizerem, “daí poder pensar-se que o indizível de uma época só encontra lugar na literatura” (2008, p. 21), o que estabelece perfeito diálogo e concordância com a fala de Bonnici quando ele afirma que “a linguagem é extremamente poderosa para construir textos anticoloniais” (2005, p. 195).

Tendo pleno domínio dessa linguagem como recurso anticolonial, Conceição Evaristo constrói uma narrativa baseada na história da protagonista Ponciá Vicêncio, mas que aborda diversos outros pontos no decorrer do livro. A história se ambienta tempo-especialmente no Brasil Império, apesar de não acontecer de forma explícita uma localização feita pelo narrador ou pelos personagens, diversos trechos que fazem referência aos acontecimentos históricos da época permitem inferir que de fato seja isso.

“Três ou quatro dos seus, nascidos do ‘ventre livre’, entretanto, como muitos outros, tinham sido vendidos” (EVARISTO, 2005, p. 50). Quando apresenta ‘ventre livre’ refere-se a uma das leis assinadas pela Princesa Isabel, antecedente à abolição da escravidão, na qual tornavam-se livres (apenas no texto da lei, diferente da realidade, o que é reforçado pelo emprego das aspas) os filhos das escravas nascidos a partir daquela data. Ou então o seguinte trecho “A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos” (EVARISTO, 2005, p. 82), nessa passagem são elencados produtos típicos da produção brasileira no período colonial que se valiam da mão de obra escrava, principalmente a cana-de-açúcar e o café.

Tendo localizado o tempo e o espaço em que se desenvolve a narrativa, parte-se para o enredo. Ponciá Vicêncio é uma garota que vive na roça com sua família, o pai, a mãe e o irmão, enquanto os homens trabalham na lavoura nas terras dos brancos, ela e a mãe trabalham o barro e fabricam utensílios diversos. Todos os indivíduos da família são livres, mas filhos e netos de escravos continuaram vivendo em regime idêntico à escravidão, por isso com o passar dos anos, Ponciá se sente sufocada com aquela realidade e decide partir para a cidade em busca de uma vida nova e melhor, seu plano era retornar para buscar os seus quando estivesse bem estabelecida.

Todavia, a sorte não estava ao lado de Ponciá e muitas dificuldades, muitos contratemplos acabaram atrasando significativamente seu retorno. No período em que esteve fora, seu irmão, Luandi José Vicêncio, também partira em direção à cidade, na tentativa de encontrá-la. O desencontro dos dois cria três histórias paralelas, simultaneamente: Ponciá tenta trabalhar e sonha com o retorno; Luandi procura pela irmã enquanto se esforça para se tornar soldado e a mãe deles fica sozinha em casa esperando, devido ao falecimento do pai antes mesmo da partida.

Até que um dia a mãe, Maria Vicêncio, decide procurar pelos filhos e inicia sua jornada. Ponciá e Luandi conseguem retornar a casa separadamente, sem ter conhecimento do retorno um do outro e ao encontrar a casa vazia voltam para a cidade. Com a ajuda dos outros moradores da vila, foram sendo informados sobre os retornos e aos poucos foi se tornando mais fácil encontrar-se novamente.

Primeiro é a mãe que encontra Luandi e depois ambos encontram novamente Ponciá, encerrando assim a narrativa.

Analisar-se-á mais detalhadamente o enredo, apresentou-se primeiramente um breve panorama para explicitar a presença marcante da diáspora na vida das personagens, sendo possível até afirmar que constitui um elemento base sobre o qual a narrativa é construída e se desenvolve.

Além disso, é interessante trazer para a discussão os elementos que marcam a colonialidade presentes na obra, como por exemplo, a escravidão em um primeiro momento, a relação servil que configurava uma continuação desta logo após e a perduração do racismo. Todos esses fatores se coadunam desencadeando uma insatisfação, desejo de mudança e conseqüente deslocamento em busca de efetivar esse desejo. Nesse sentido, a diáspora pode ser entendida então como corolário da colonialidade observável dentro da obra.

De acordo com Bonnici, “o termo diáspora refere-se ao trauma coletivo de um povo que voluntária ou involuntariamente foi banido da sua terra e, vivendo num lugar estranho, sente-se desenraizado de sua cultura e de seu lar” (2005, p. 193). A diáspora, então, é relativa ao movimento, a mudança de um lugar para outro, “implica conotações de movimento disperso, disseminação, descentramento e deslocamento” (BRAGA e GONÇALVES, 2014, p. 39).

A literatura diaspórica, além de caracterizar a fluidez espacial e uma “mobilidade incrustada no romance” (MISHRA, 2007, p. 5), também pode fazer alusão às conseqüências desta experiência de deslocamento e à realidade da vida no novo espaço geográfico. Por isso, a vivência diaspórica constitui terreno fértil para literatura, uma vez que “a relação entre o ato de narrar e a experiência humana de mobilidade sempre se constituiu em estratégia proveitosa para se pensar o literário” (BRAGA e GONÇALVES, 2014, p. 38).

Braga chama a atenção para o fato de que “a representação ficcional da diáspora na produção literária contemporânea se dá pela sobreposição de dois eixos analíticos, a saber: o coletivo e o individual” (2014, p. 40), ou seja, cada eixo representa uma faceta de realidade: o coletivo reflete as experiências de grupo, de várias pessoas juntas; enquanto que o individual traz aquilo que um indivíduo específico vivencia. Contudo, na literatura o eixo individual pode ser estrategicamente elaborado e desenvolvido, de forma a representar na história de um as lutas de vários, um possível cruzamento entre ambos os eixos. É o que Conceição Evaristo faz ao elaborar Ponciá Vicêncio, e contar por meio dela, do irmão e da mãe as lutas e vivências de todo um grupo, o seguinte trecho confirma isso: “Eram trabalhos que contavam partes de uma história. A história dos negros talvez. [...] Bom que ela se fizesse reveladora” (EVARISTO, 2005, p. 130).

A identidade na diáspora

A diáspora de forma mais específica é um elemento intrínseco e possivelmente constituinte na obra, ao longo da narrativa Ponciá se desloca da Vila para a cidade e vice-versa três vezes, o irmão faz o mesmo trajeto duas vezes e a mãe vai indo e voltando de vila em vila, aumentando cada vez mais a distância percorrida.

O mais interessante é que a diáspora já se fazia presente nas vidas deles antes mesmo da partida súbita de Ponciá, os homens da vila tinham de ir para as terras dos brancos para trabalhar, como se observa a seguir: “Tinha mais um irmão que pouco brincava com ela, pois acompanhava o pai no trabalho da roça, nas

terras dos brancos. Ela e a mãe ficavam dias e dias sem ver os dois” (EVARISTO, 2005, p. 18).

É possível perceber na obra que a viagem empreendida por Ponciá representa exatamente aquilo que a teoria pós-colonial caracteriza como diáspora, ela saiu de sua terra, abriu mão de sua família e sua vida para buscar em outro lugar uma possibilidade de reescrever sua história, de viver mais e melhor. “Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado onde nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali” (EVARISTO, 2005, p. 32).

Por que uma ida tão repentina, como um gesto de quase fuga? Ponciá não conseguiu explicar que sua urgência nascia do medo de não conseguir partir. Do medo de recuar, do desespero por não querer ficar ali repetindo a história dos seus (EVARISTO, 2005, p. 38).

Porque “ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova. [...] partiu no trem do outro dia [...] Nem tempo de se despedir do irmão teve” (EVARISTO, 2005, p. 32).

“O deslocamento, característico da contemporaneidade, pode ser indicativo de frustração e insatisfação como também de busca para a ascensão social.” (BONNICI, 2006, p. 23). Assim, Ponciá partiu voluntariamente para uma nova realidade, todavia esse querer é um desejo motivado por aspectos exteriores a ela, não sentiu vontade de se aventurar pelo mundo e conhecer coisas novas, a motivação foi a esperança de uma melhora de vida. Desta forma, apesar de voluntária, essa movimentação tem muito de involuntário também nas entrelinhas, como se observa no seguinte trecho: “A crença era o único bem que ela havia trazido para enfrentar uma viagem que durou três dias e três noites.” (EVARISTO, 2005, p. 35).

Após a decisão repentina de se mudar e uma longa viagem, Ponciá chegou na cidade e encontrou-se completamente só, “não divisou um rosto conhecido, experimentou um profundo pesar, embora soubesse de antemão que não havia ninguém esperando por ela” (EVARISTO, 2005, p. 34). A partir da chegada, enfrentou situações difíceis, como dormir na rua, até conseguir arranjar um emprego e começar a trabalhar. Ponciá, como a maioria dos imigrantes, tinha esperança de que seria ela a ditar o próprio futuro.

De acordo com Albert Memmi, “aquele que nunca deixou seu país e os seus, nunca saberá a que ponto lhes é apegado” (2007, p. 177), por isso depois que Ponciá deixa a Vila Vicêncio e passa a viver em solitude na cidade, ela se dá conta do imenso vazio que a ausência da família provoca, “ao se lembrar da mãe, sentiu um aperto no peito” (EVARISTO, 2005, p. 22) e percebe que “a dor da ausência da mãe e do irmão aconteceu mais forte ainda” (EVARISTO, 2005, p. 57), uma vez que “já estava há tempo fora do povoado e tinha uma saudade intensa dos que tinham ficado” (EVARISTO, 2005, p. 45).

Algo importante a ser destacado é que nas sociedades pós-coloniais “as desigualdades de gênero mantêm a classe das mulheres operárias nas ocupações profissionais mais marginalizadas e mais mal (ou não remuneradas)” (BONNICI, 2006, p. 15), o mesmo acontece com Ponciá, que além de encontrar dificuldades para arranjar trabalho, passa a executar tarefas domésticas com baixa remuneração, “Ela que muitas vezes saía junto com ele na labuta diária do fogão, da limpeza, das trouxas de roupa nas casas das patroas” (EVARISTO, 2005, p. 54).

Aliando-se a ausência dos integrantes familiares, à solitude, com a condição sociopolítica a qual se é submetida, é possível perceber que as personagens

“tendem à desilusão e à decepção e, em certos casos, ao desespero” (BONNICI, 2006, p. 17). Todos esses fatores interligados propiciam uma situação de objetificação do indivíduo, característica da colonialidade, quando Sartre “discursa sobre a construção da pessoa como Sujeito em relação ao Outro” (BONNICI, 2006, p. 14) ele chama atenção para a reciprocidade.

Ou seja, uma pessoa pode ser Sujeito e também pode ser objeto para o outro simultaneamente, “nas sociedades pós-coloniais, porém, o sujeito e o objeto pertencem inexoravelmente a uma hierarquia em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador” (BONNICI, 2006, p. 14), isto é, “a opressão, o silêncio e a repressão das sociedades pós-coloniais decorrem de uma ideologia do sujeito” (BONNICI, 2006, p. 14), que promove um anulamento da subjetividade do colonizado, restando-lhe apenas o papel de objeto perante o colonizador.

As identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado ‘positivo’ de qualquer termo - e, assim, sua ‘identidade’ - pode ser construído (Derrida, 1981; Laclau, 1990; Butler, 1993 apud HALL, 2000, p. 110).

Em um cenário no qual todos esses elementos se coadunam provocando a objetificação de Ponciá e consequente impacto sobre a identidade, a protagonista vivencia uma espécie de disforia, desilusão e desespero que Thomas Bonnici afirma anteriormente. “Ponciá havia tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio” (EVARISTO, 2005, p. 23), por isso ela

perguntava-se se valera a pena ter deixado a sua terra. O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia (EVARISTO, 2005, p. 33).

Hall entende que nessa realidade de descentramento é preciso pensar o sujeito a partir de sua nova posição, como ele mesmo afirma “é não um abandono ou abolição, mas uma reconceptualização do ‘sujeito’” (2000, p. 105), o qual se encontraria deslocado dentro do paradigma. Assim, Ponciá estaria deslocada dentro de sua própria concepção de identidade, as estruturas que ela acreditava fundamentá-la foram abaladas devido à experiência diaspórica e ela “sabia apenas que, de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda, dentro e fora dela, um vácuo com o qual ela se confundia. Mas continuava, entretanto, consciente de tudo ao redor” (EVARISTO, 2005, p. 44).

A personagem passava seus dias apática, apenas lembrando sua vida e sem ânimo para realizar qualquer atividade, “por várias vezes sentiu o vazio, a ausência de si própria.” (EVARISTO, 2005, p. 63), contudo a maior confirmação de que a identidade de Ponciá Vicêncio havia sofrido uma ruptura vem quando ela se questiona “Quem era ela? Não sabia dizer” (EVARISTO, 2005, p. 92).

Tal comportamento levou os outros personagens a acreditarem que ela estaria ficando louca, realizando-se então uma herança de seu avô Vicêncio, devido a revolta suicida que ele pôs em prática, em um momento de desespero, por sua condição ainda de exploração e escravização. A crença dos outros personagens de

que a situação de Ponciá seria uma consequência da herança familiar revela uma visão do sujeito “como sendo a fonte dos significados dos quais, na verdade, ele é um efeito” (Pêcheux, 1981, p. 101-2 apud HALL, 2000, p. 115). Sendo assim, a condição disfórica de Ponciá revela-se como consequência da experiência do deslocamento que ela vivenciou.

Além disso, há outras situações vivenciadas graças a diáspora que revelam a colonialidade inerente, por exemplo, Bonnici argumenta que as personagens femininas da literatura pós-colonial “enfrentam a ideologia patriarcal/colonial, representada [...] por personagens concretas (pai, marido, empregadores, professores)” (2006, p. 23) e no caso de Ponciá isso se materializa na figura do marido dela, que “ultimamente andava muito bravo com ela, por qualquer coisa lhe enchia de socos e pontapés. Vivia a repetir que ela estava ficando louca” (EVARISTO, 2005, p. 54).

Observe os seguintes trechos, em que Ponciá é submetida à opressão de gênero manifestada materialmente por meio da violência, revelando a dupla colonização das mulheres, a qual Du Plessis afirma “Uma mulher da colônia é uma metáfora da mulher como colônia” (1985 apud BONNICI, 1998, p.13) e que segundo Bonnici tal colonização dupla do corpo feminino culmina da “objetificação da mulher pela problemática da classe e da raça” (1998, p. 14):

Desde o dia em que o homem de Ponciá havia batido nela tanto e tanto, a ponto de fazer sangrar-lhe a boca, depois condoído do sofrimento que infligia à mulher, nunca mais ele a agrediu e se tornou carinhoso com ela. Foi tanto pavor, tanto sofrimento, tanta dor que ele leu nos olhos dela, enquanto lhe limpava o sangue, que descobriu não só o desamparo dela, mas também o dele. Descobriu como eram sós (EVARISTO, 2005, p. 111).

“Ao ver a mulher tão alheia, teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela lhe devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou-se, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele” (EVARISTO, 2005, p. 17).

Além disso, o “sistema capitalista e suas consequências (o racismo, os resquícios de apartheid, a exclusão, a subalternação)” (BONNICI, 2006, p. 23) também se fazem presentes na obra. O seguinte trecho ilustra bem: “E que Luandi não levasse a mal o que ele ia dizer, mas quase todo negro era vagabundo, baderneiro, ladrão e com propensão ao crime. Poucos, muito poucos, eram como o Soldado Nestor e ele” (EVARISTO, 2005, p. 121).

Tal afirmação evidencia a prática do colonizador, de instituir e acusar de forma unânime e global as características do outro “de maneira que nenhum colonizado é salvo, nem nunca poderia ser” (MEMMI, 2007, p. 120), assim, paulatinamente “se degradam, uma a uma, todas as qualidades que fazem do colonizado um homem. E a humanidade do colonizado, recusada pelo colonizador, torna-se de fato, para ele, opaca” (MEMMI, 2007, p. 122-3) porque “pouco importa ao colonizador o que o colonizado verdadeiramente é” (MEMMI, 2007, p. 121).

Isso colabora para a formação de cenários de objetificação e anulamento da subjetividade do indivíduo, tal qual a vivenciada por Ponciá. “A carga de alteridade e objetificação produzida no sujeito colonizado e em toda a sua cultura foi tão devastadora e abrangente” (BONNICI, 2005, p. 199), que leva a afirmar que além de matar “materialmente o colonizado. É preciso acrescentar que ela o mata espiritualmente” (MEMMI, 2007, p. 189).

De fato, a relação colonial deixa marcas profundas, que a primeira vista podem não ser percebidas, por exemplo, na obra há uma estratégia da narradora de apresentar Ponciá majoritariamente apenas pelo primeiro nome, que a princípio é justificado como um desagrado que a personagem tem pelo sobrenome, mas que posteriormente revela-se como uma manobra de subversão e negação do colonizador, uma vez que “o pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela, a reminiscência do poderio do senhor, de um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens” (EVARISTO, 2005, p. 27).

Considerações Finais

Tendo em mente que o Brasil e os outros países da América-Latina também passaram pela experiência da colonização, assim como muitos dos países africanos experimentaram as mesmas estratégias de dominação, lidando atualmente com consequências semelhantes, há uma crítica na teoria pós-colonial de que as literaturas desses países também se enquadrem nesse campo de pesquisa.

Por isso, Ponciá Vicêncio, da autora Conceição Evaristo, foi objeto de estudo nesse artigo tendo como base a teoria pós-colonial. Tornou-se evidente que a história se passa no contexto imediatamente após a independência política do país, contribuindo então para a suposição de que possa ser definido como pós-colonial.

Além disso, analisou-se a disforia identitária vivenciada pela protagonista, como consequência da diáspora semi-voluntária a qual foi submetida, levando em consideração a abordagem discursiva que “vê a identificação como uma construção, como um processo nunca completado” (HALL, 2000, p. 106), entendendo a identificação como “um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção” (HALL, 2000, p. 106) de forma a contrariar a noção comum de identidade “construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum” (HALL, 2000, p. 106).

Portanto, conforme Kobena Mercer “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (Mercer, 1990, p. 43 apud HALL, 2000, p. 09), por isso, Ponciá e diversos outros personagens deslocados só percebem a ruptura e reinvenção de suas identidades após as experiências de deslocamento em suas vidas.

Cláudio Roberto Vieira Braga e Glaucia Renate Gonçalves, no artigo *Diáspora, espaço e literatura: Alguns caminhos teóricos* listam diversas características comuns que permitem definir uma categoria como literatura diaspórica. Dentre elas temos, a representação de “comunidades na diáspora, com personagens que representam sujeitos diaspóricos” (BRAGA e GONÇALVES, 2014, p. 45), o que se observa em Ponciá, pois tanto a protagonista quanto os personagens secundários realizam inúmeros deslocamentos ao longo da narrativa aliados a “ideias de movimento e cruzamentos [...] articuladas à dispersão diaspórica que tem início na terra natal” (BRAGA e GONÇALVES, 2014, p. 45).

Também há a apresentação do “fator, ou fatores, que a causaram” (BRAGA e GONÇALVES, 2014, p. 45) que se apresenta na obra como a insatisfação com a condição socioeconômica familiar. Temos ainda a construção do “enredo de forma não linear” (BRAGA e GONÇALVES, 2014, p. 45) que “realiza-se por meio de um estilo narrativo fragmentado ou disperso” (BRAGA e GONÇALVES, 2014, p. 45) o que ocorre em Ponciá, pois grande parte da história é contada a partir das

memórias, ou flashbacks da protagonista, que se intercalam com os retornos ao momento presente.

A presença do “conflito e a intriga [...] clima tenso” (BRAGA e GONÇALVES, 2014, p. 45) acontece em diversos momentos, na revolta suicida do avô Vicêncio, as agressões que Ponciá sofre do marido, na morte de Bilisa e outros. Por fim, “explicita um posicionamento político, já que narrativas diaspóricas geralmente dão voz a minorias deslocadas, ignoradas e silenciadas” (BRAGA e GONÇALVES, 2014, p. 46), observável ao longo de toda a narrativa, mas principalmente nestes trechos

Bom que ela se fizesse reveladora, se fizesse herdeira de uma história tão sofrida, porque enquanto o sofrimento estivesse vivo na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino (EVARISTO, 2005, p. 130).

Se a voz de Luandi não fosse o eco encomprido de outras vozes-irmãs sofridas, a fala dele nem no deserto cairia. Poderia, sim, ser peia, areia nos olhos dele, chicote que ele levantaria contra os corpos dos seus (EVARISTO, 2005, p. 96).

Assim, de uma longa lista de características, a obra escolhida se enquadra em quase todos, o que corrobora firmemente para a possibilidade de afirmá-la como uma produção pós-colonial, a qual aborda temáticas de deslocamento, de opressões raciais, de gênero e de classe, que dá voz aos silenciados e que organiza-se como uma tentativa de subversão e contestação, uma das principais características observáveis na obra Ponciá Vicêncio e em outras de Conceição Evaristo.

REFERÊNCIAS

BONNICI, Thomas. **Avanços e ambiguidades do pós-colonialismo no limiar do século 21**. Léngua e Meia: Revista de Literatura e Diversidade Cultural, v. 4, nº 3, 2005.

_____. **Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais**. Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

_____. **Pós-colonialismo e representação feminina na literatura pós-colonial em inglês**. Acta Sci. Human Soc. Sci. Maringá, v.28, n. 1, p. 13-25, 2006.

BRAGA, Cláudio Roberto Vieira; GONÇALVES, Glaucia Renate. **Diáspora, espaço e literatura: Alguns caminhos teóricos**. Revista Trama, v. 10, n. 19, 1º sem. 2014.
EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005. 132 p. v. 1.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A Editora, 1ª edição em 1992. Rio de Janeiro, 11ª edição e, 2005. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

_____. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

ITAÚ CULTURAL. **Conceição Evaristo**. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/educacao/>. Acesso em: 04 de outubro de 2019.

MATA, Inocência. **A crítica literária africana e a teoria pós-colonial: um modismo ou uma exigência?** Disponível em: www.omarrare.uerj.br/numero8/inocencia.htm. Acesso em: 05 de agosto de 2019.

_____. **Localizar o pós-colonial**. In: GARCÍA, Flavio; MATA, Inocência (Org.). Pós-colonial e Pós-colonialismo: propriedades e apropriações de sentido. Rio de Janeiro: Dialogarts publicações , 2016. p. 32-50.

MEMMI, Albert. **Retrato do Colonizado precedido do Retrato do Colonizador**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 2007